



Universidade Federal do ABC

**Universidade Federal do ABC**

**Wendy Arevolo de Azevedo**

**MULHERES NA LIDERANÇA: presença e influência em organizações internacionais nos dias atuais**

**Projeto de Pesquisa**

**São Bernardo do Campo - SP  
2017**

**Wendy Arevalo de Azevedo**

**MULHERES NA LIDERANÇA: presença e influência em organizações internacionais nos dias atuais**

Projeto de pesquisa submetido ao Bacharelado em Ciências e Humanidades da Universidade Federal do ABC, como requisito ao título de Bacharel em Ciências e Humanidades.

Orientador: Monica Schroder

**São Bernardo do Campo - SP  
2017**

## Resumo

Funções consideradas femininas e funções consideradas masculinas, são determinadas pelas relações de gênero perante a sociedade, e se faz presente em toda a história humana. Determinações estas, que impõem barreiras de difíceis transposição quando esses indivíduos fogem do estereótipo imposto a eles, caso da luta feminina pela igualdade de gêneros. Em quaisquer meios a mulher sempre encontrou dificuldade para ser ouvida e tomar decisões em espaços estereotipados como masculinos. Direitos sobre seu próprio corpo também foram, e são vetados. Essas atitudes patriarcais exercem influência direta na vida da mulher, as colocando sob esfera de privação e subordinação, que extrapolam seus domínios para âmbito internacional, não apenas pelo papel que os próprios atores internacionais desempenham, mas também, pela falta de ações ligadas ao tema “mulheres” dentro de organizações internacionais.

**Palavras-Chave:** mulheres, feminismo, organizações internacionais, UNESCO, liderança, desigualdade de gênero

## Sumário

<b>1</b>	<b>Introdução</b> . . . . .	<b>4</b>
<b>1.1</b>	<b>Tema</b> . . . . .	<b>5</b>
<b>1.2</b>	<b>Problema</b> . . . . .	<b>5</b>
<b>1.3</b>	<b>Hipóteses</b> . . . . .	<b>5</b>
<b>1.4</b>	<b>Objetivos</b> . . . . .	<b>6</b>
1.4.1	Objetivos gerais . . . . .	6
1.4.2	Objetivos específicos . . . . .	6
<b>1.5</b>	<b>Justificativa</b> . . . . .	<b>6</b>
<b>2</b>	<b>Revisão de Literatura</b> . . . . .	<b>8</b>
<b>3</b>	<b>Metodologia</b> . . . . .	<b>12</b>
<b>4</b>	<b>Recursos</b> . . . . .	<b>14</b>
<b>5</b>	<b>Cronograma</b> . . . . .	<b>15</b>
	<b>Referências</b> . . . . .	<b>16</b>

## 1 Introdução

A desigualdade de gênero ainda é muito presente na sociedade, proveniente de uma construção histórica de sociedades patriarcais nas quais a mulher sempre foi posicionada de maneira inferior ao homem. Porém, é na década de 70, que o movimento feminista internacional começou a ganhar fôlego (SARTI, 2004).

Em 1975, ocorre então, a primeira conferência mundial sobre a Mulher, no México, e a Assembleia Geral da ONU declara este como o Ano Internacional das Mulheres. A partir dessa, se desdobram mais três conferências: a segunda ocorreu em 1980, em Copenhague. Nela foram avaliados os progressos dos primeiros cinco anos da Década da Mulher e o Instituto Internacional de Pesquisa e Treinamento para a Promoção da Mulher (INSTRAW) foi associado como um organismo autônomo no sistema das Nações Unidas. Já a Terceira Conferência se passou em Nairobi, no Quênia, em 1985 e a partir dela foram aprovadas estratégias de aplicação que visavam o progresso da mulher em todo o mundo, e a conversão do “Fundo de Contribuições Voluntárias das Nações Unidas para a Década da Mulher” em “Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher” (UNIFEM). No entanto, é em 1995 que ocorre o evento que marcou a luta por igualdade de gênero, com a “Quarta Conferência Mundial sobre as Mulheres”, um encontro que resultou em um documento chamado “Declaração e Plataforma de Ação de Pequim” que listou 12 objetivos estratégicos, além de diversas ações para alcançar seus principais planos de ação. Este foi em resumo, um roteiro para o avanço da igualdade e empoderamento das mulheres no cenário global.

No entanto, é em 1995 que ocorre o evento que marcou a luta por igualdade de gênero, com a “Quarta Conferência Mundial sobre as Mulheres”, um encontro que resultou em um documento chamado “Declaração e Plataforma de Ação de Pequim” que listou 12 objetivos estratégicos, além de diversas ações para alcançar seus principais planos de ação. Este foi em resumo, um roteiro para o avanço da igualdade e empoderamento das mulheres no cenário global.

A partir de então, ocorreu uma tendência mundial de ações afirmativas no empoderamento das mulheres e estas puderam atingir uma maior inserção em organizações internacionais, representado principalmente com a criação da ONU Mulheres em julho de 2010. No entanto, quando as organizações internacionais são analisadas em separado, quase não há a percepção e identificação de mulheres nos cargos de liderança destes, visto como exemplo que uma mulher nunca ocupou o cargo mais alto da Organização das Nações Unidas, de Secretária-Geral.

Em 2009, a posse inédita de uma mulher ao cargo mais alto da UNESCO, de

diretora-geral, deu início a reconfiguração do cenário até então apresentado. Irina Bokova assumiu o cargo de diretora-geral em novembro de 2009 e colocou como prioridades da organização internacional o empoderamento e direitos da mulher. Com tal alcance, torna-se relevante analisar os efeitos que esta posse causa para o número de mulheres em cargos de lideranças em outras organizações internacionais e efeitos de uma líder do gênero feminino no plano de ação da organização.

Com tal alcance, torna-se relevante analisar a influência que esta posse causa na presença das mulheres em cargos de lideranças em outras organizações internacionais, e os efeitos de uma líder no plano de ação da organização, ou seja, como são encaradas as questões de gênero à luz desta.

### **1.1 Tema**

O tema proposto para a presente pesquisa é “ A presença e influência da mulher em cargos de liderança na UNESCO de 2009 a 2017.”

### **1.2 Problema**

Como a entrada de Irina Bokova como diretora-geral da UNESCO, e um consequente aumento no número de mulheres dentro da organização, influenciou a atuação da organização no plano internacional, qualitativamente e quantitativamente?

### **1.3 Hipóteses**

- 1) A presença de Irina Bokova em cargo de grande influência na UNESCO, impacta o plano de ação da organização qualitativamente e quantitativamente em relação às ações de assistência à mulher, quando comparadas, às realizadas sob liderança masculina.
- 2) A posse de Irina Bokova ao cargo de diretora-geral da UNESCO, além de provocar uma ampliação no número de mulheres dentro da organização, amplia a presença das mulheres em cargos de liderança dentro de outras organizações internacionais, assim como também empodera a entidade das nações unidas para a Igualdade de Gênero e o Empoderamento das Mulheres: “ONU Mulheres”.
- 3) Mulheres em cargos de liderança de organizações internacionais dão a mesma importância que os líderes masculinos a temas diversos, exceto a temas ligados à mulheres, onde as mulheres mostram maior comprometimento.

## **1.4 Objetivos**

### **1.4.1 Objetivos gerais**

Entender de que forma a presença de uma mulher, em um cargo de liderança de uma organização internacional, impacta o plano de ação dessa e gera ações afirmativas de igualdade de gênero, permitindo que mais mulheres cheguem ao mesmo patamar que a influenciadora, são as grandes buscas as quais esta pesquisa se destinará.

### **1.4.2 Objetivos específicos**

- 1) Entender de que forma a presença de uma mulher, em um cargo de liderança de uma organização internacional, impacta o plano de ação dessa e gera ações afirmativas de igualdade de gênero, permitindo que mais mulheres cheguem ao mesmo patamar que a influenciadora.
- 2) Analisar historicamente como ocorreu a inserção da mulher no ambiente de trabalho.
- 3) Objetiva-se a compreensão da origem da distinção entre homens e mulheres no ambiente de trabalho e na sociedade.
- 4) Através do surgimento do movimento feminista, pretende-se averiguar como as líderes deste se destacaram e conseqüentemente, como a pauta da mulher alcançou conferências internacionais.
- 5) Por meio do órgão ONU Mulheres, haverá a compreensão do crescimento que os direitos da mulher alcançaram, assim como a voz das mesmas.
- 6) Espera-se avaliar em que medida a posse inédita de uma mulher como diretora-geral da UNESCO influenciou as ações da organização internacional no âmbito da igualdade de gênero e empoderamento da mulher, comparando em um segundo momento, se as mesmas pautas foram alvos de ação da UNESCO, com um diretor-geral do gênero masculino, Koichiro Matsuura.
- 7) Para conclusão, espera-se verificar como a posse de uma mulher a um cargo de liderança, em uma organização internacional, incentiva o empoderamento feminino.

## **1.5 Justificativa**

O que impulsionou a realização desta monografia foi conhecer a dificuldade das mulheres de atingirem cargos de liderança em organizações internacionais, visto a reduzida presença de mulheres nestes cargos, que leva ao indágamento: uma mulher

nunca ter assumido a posição de Secretária-Geral (cargo mais alto das Nações Unidas) na Organização das Nações Unidas. Devido a isto, realiza-se esta monografia a todos os indivíduos da sociedade para ressaltar a necessidade da representatividade da mulher em cargos de liderança em organizações internacionais, para a realização de ações que trabalhem para que se faça presente a equidade de gênero em quaisquer situações e local que a mulher se encontre.

Para isso, apresento e me baseio no caso inédito da posse de Irina Bokova, em novembro de 2009, como diretora-geral da UNESCO e as ações que esta vem liderando que objetivam a ampliação do direito da mulher, empoderamento desta e a equidade de gêneros. Além disso verifica-se com o estudo, a influência deste caso em algumas outras organizações internacionais.

Para maior profundidade do estudo também me baseio nas ações da segunda gestão de Koichiro Matsuura ao longo de 2009, a luz dos princípios da corrente feminista das Relações Internacionais que se situam no Terceiro Grande Debate das RIs.



## 2 Revisão de Literatura

A percepção biológica entre homens e mulheres, resultaram ao longo da história em percepções diferentes do papel que estes “têm” de exercer na sociedade.

“A identidade da mulher, assim como a do homem, é construída através da atribuição de distintos papéis, que a sociedade espera ver cumpridos pelas diferentes categorias de sexo. A sociedade delimita, com bastante precisão, os campos em que pode operara mulher, da mesma forma como escolhe os terrenos em que pode atuar o homem.” (SAFFIOTI, 2001, p.08)

Seja qual for a época, por meio dessa concepção apresentada, em todo agrupamento social do qual se tem conhecimento, a mulher a todo momento, foi considerada inferior em relação ao homem (SAFFIOTI, 2001). Assim, salva exceções, sempre fora excluída do campo de trabalho, uma vez que sua jornada se resumia aos cuidados do lar.

No entanto, com o avanço da Revolução Industrial no século XIX, transformações ocorreram no trabalho feminino, devido a maior presença de máquinas, e a maioria da mão-de-obra feminina foi transferida para as fábricas (KUHNER, 1977). Dessa maneira, podemos observar que tais profissões, se apresentaram como continuidade da vida doméstica, e assumiram posteriormente um caráter de mão de obra industrial, como as tecedeiras (CHIES, 2010). Essa inserção da mulher no ambiente fabril, geraram algumas poucas regras que beneficiaram estas. Tal contato com estes benefícios e com outras mulheres, gerou a união destas, e pequenos movimentos, que já expressavam traços do movimento feminista, mais especificamente, sufragista, na Europa e Estados Unidos.

Com a Primeira Guerra Mundial, como é sabido, a grande maioria dos homens foi obrigado a ir para a guerra, e suas mulheres ficaram encarregadas (naturalmente) de ganhar o sustento da família, através do trabalho fora do próprio lar. Em 1939, com a Segunda Guerra Mundial, o mesmo fato retornou a acontecer, uma vez que os homens que retornavam com vida das Guerras, não estavam aptos ao trabalho antes exercido. Foi neste momento que as mulheres realmente começam a entrar no campo de trabalho antes ocupado somente por homens e começaram a dividir ambientes de trabalho com homens em 1945, com o fim da Segunda Guerra Mundial.

Com o crescimento dos movimentos de mulheres, em 1949, a grande ativista Simone de Beauvoir publica o livro “O Segundo Sexo”, na França, questionando o papel da mulher. Este passou a ser uma referência para o feminismo, principalmente, a partir dos anos 60 e 70, quando o movimento feminista, ainda constituído de diversos

movimentos e não unificado, apareceu com força na luta pela ampliação dos direitos civis das mulheres e contra a violência destas (MENDES, 2011)

Assim, a partir dos anos 1970, as mulheres que romperam com os padrões sociais, passaram a priorizar o estudo e a carreira profissional. Segundo Bruschini, Lombardi e Unbehaum (2006), “Estavam dadas, assim, as condições históricas para o ingresso das mulheres em carreiras profissionais até então consideradas redutos masculinos, como medicina, arquitetura, engenharia e direito.”

Para tanto, a emergência do feminismo deu visibilidade às mulheres e aos problemas enfrentados por essas, com foco para a violência sexista, que começou a ser introduzida e discutida em conferências internacionais. Esse movimento caminhou para a primeira conferência mundial sobre a Mulher, em 1975, ocorrida na Cidade do México. Marco histórico para as organizações internacionais, na qual as Nações Unidas se posicionaram com a inserção do tema “Mulher” em âmbito global e o reconhecimento de alguns direitos da mulher, bem como integridade física da mulher, igualdade entre homens e mulheres e erradicação da discriminação da mulher em determinados países United Nations (1976). Além disso, definiu o período de 1975-1985 como “Década da Mulher” e o ano de 1975 como Ano Internacional da Mulher.

Em 1980, ocorreu a II Conferência Mundial sobre a Mulher, em Copenhage, na qual foram avaliados os progressos ocorridos desde a primeira conferência (Report World Conference 2).

As mulheres tiveram êxito nessa trajetória como pauta de conferências, possibilitando mais duas Conferências Mundiais, em 1985 e a última, em 1995, com o desafio de introduzir uma perspectiva de gênero em questões diversas (UNITED NATIONS, 1995).

Assim, segundo Bruschini, Lombardi e Unbehaum (2006):

“De fato, desde a década de 1970, as diversas Conferências da Mulher, no México (1975), em Copenhague (1980) e em Nairobi (1985), apontaram a violência de gênero como uma ofensa à dignidade humana e instaram os Estados-partes a assumirem compromissos voltados para a sua eliminação.” (BRUSCHINI; LOMBARDI; UNBERHAUM, 2006, p. 250)

É importante destacar, que é na IV Conferência Mundial da Mulher, em Pequim, que há a implementação de uma nova agenda de solicitações e a declaração da Plataforma de Ação Mundial da Conferência que teve grande expressividade, com a delimitação de doze metas para avanço da igualdade e empoderamento das mulheres (UNITED NATIONS, 1995). O documento foi assinado por 184 países e As ações delimitadas eram fundamentadas em criar políticas que abrangessem a vida da mulher

nas seguintes esferas: A mulher e a pobreza, a educação e capacitação da mulher, a mulher e a saúde, a violência contra a mulher, a mulher e os conflitos armados, a mulher e a economia, a participação da mulher no poder e nas decisões, os mecanismos internacionais para o progresso da mulher, os direitos humanos da mulher, a mulher e a mídia, a mulher e o meio ambiente e os direitos das meninas (ONU MULHERES, 2015).

Esta conferência significou o início de um novo capítulo na luta por igualdade de gênero e inserção das mulheres nos campos de trabalho, uma vez que renovou em escala global, o papel da mulher como participante ativa em qualquer âmbito da sociedade.

Deste modo, a partir do levantamento contínuo de discussões acerca dos direitos das mulheres e assistência a essas que objetivaram a igualdade, a imagem da mulher se fortificou, e de fato alcançou um ponto alto para o reconhecimento mundial quando em 2010 foi criada entidade “ONU Mulheres”, lugar em que a mulher saiu da figura passiva de pauta de conferências para ocupar seu próprio espaço, de maneira ativa.

“A agência é uma instância forte e dinâmica voltada para as mulheres e meninas, proporcionando-lhes uma voz poderosa a nível global, regional e local. ” (ONU MULHERES, 2015)

Em julho de 2010, como parte da agenda de reforma das Nações Unidas, a Assembleia Geral da ONU criou a ONU Mulheres, a Entidade das Nações Unidas para a Igualdade de Gênero e o Empoderamento das Mulheres que busca auxiliar o Sistema ONU a ser responsável pela igualdade de gênero (ONU MULHERES, 2015).

Deve-se destacar o fato da mulher ter relevância de magnitude a alcançar uma entidade exclusivamente direcionada para essas, somente em 2010. Até então, as questões de gênero eram abordadas somente pela UNESCO e UNICEF, ainda de maneira tímida.

Em 2010, a UNESCO apresentou o empoderamento da mulher como um objetivo da organização, antes abordado de maneira superficial por esta. Além disso, esse tema entrou como prioridade pessoal da diretora-geral da UNESCO, Irina Bovoka: “Gender equality is a global priority of UNESCO, and I have made it my personal priority” (UNESCO, 2016). E para além, foi considerado, em 2014, como prioridade global da organização, assim como o auxílio para a África. Segundo o documento 37 C/4, de estratégia de médio prazo, publicado pela organização em 2014:

“To implement concise strategies with a clear thematic focus and attainable expected outcomes and results for the two global priorities, Global Priority Africa and Global Priority Gender Equality, taking into account

the results of evaluations with a view to ensuring effectiveness and tangible impact; the operational strategy for Africa and the Gender Equality Action Plan, as approved by the General Conference, are contained in separate complementary strategic publications to document 37 C/4” (UNESCO, 2014, p. 06)

O chamado para o empoderamento feminino ocorreu dentro do próprio sistema organizacional da UNESCO, a qual nunca tinha apresentado uma diretora-geral mulher.

Para viabilizar o empoderamento da mulher e igualdade de gênero efetiva, a UNESCO se aliou a UNICEF para conseguir empoderar meninas através da educação e auto-confiança, “Education can empower women to become leadres as they acquire literacy, confidence and communication skills. It can give them a space to learn about and practice leadership” (UNESCO, 2016, p.1).

A liderança feminina foi também conteúdo do Relatório de Monitoramento da Educação Global da UNESCO, no qual a UNICEF também contribuiu, uma vez que a educação complementar e a formação profissional, técnica e jurídica ajudam as mulheres a ganhar credibilidade e influência entre líderes (UNICEF, 2016, p. 1)

A cerca da revisão bibliográfica abordada, a pesquisa irá caminhar na tentativa de analisar se o fato de uma mulher ter tomado posse de um cargo de liderança, antes nunca ocupado por alguém do mesmo gênero, foi o fator gerador de ações que contribuem para a igualdade de gênero, e como isto pode influenciar na presença de mulheres em cargos de liderança de outras organizações internacionais, pois contudo, ainda é de extrema urgência o cenário da mulher.

Muitas mulheres, em várias partes do mundo, sofrem abuso e violência todos os dias, inclusive como argumento de sua cultura. Nessa condição, o tratamento às mulheres ainda deve ser revisto, com o amplo fornecimento de ações de assistência e empoderamento feminino. Segundo Pereira (2013), “Admitir que todas merecem seu respeito no mundo na condição de ser humano é um direito básico, mudar a visão da sociedade para ela é uma necessidade (...)”.

### 3 Metodologia

A realização da pesquisa, cuja terá caráter essencialmente qualitativo, a que esse projeto se propõe, terá seu desenvolvimento ao redor da presença de mulheres em lideranças de organizações internacionais, devido ao fato de uma mulher nunca ter ocupado o cargo de Secretária-geral da ONU (cargo mais alto dentro da instituição).

Assim, a metodologia adotada será focada na revisão da literatura dos principais autores que discutem os temas de gênero e liderança feminina, relacionando esses temas nas estruturas de organizações internacionais, tendo a internet como suporte de extrema importância para a elaboração da pesquisa, uma vez que o site oficial da UNESCO, será de grande valor, assim como dados retirados site oficial da ONU, da ONU Mulheres e da OIT. Buscas por material de arquivo como vídeos ou áudios da UNESCO, que possam ser usados na monografia, também serão feitas.

Os primeiros passos para o avanço da pesquisa serão iniciados no mês de setembro, fase de levantamento do referencial bibliográfico através de livros da Biblioteca da Universidade Federal do ABC, participação em aulas expositivas, realizadas na Universidade Federal do ABC, nas quais serão estudadas as metodologias e fontes para o estudo das Relações Internacionais e o posicionamento das organizações internacionais. Através da internet, com livros disponibilizados digitalmente, haverá a construção da gênese do tema já delimitado: “A presença e influência da mulher em cargos de liderança na UNESCO de 2009 a 2017”, por meio de etapas.

Na primeira etapa, na qual ocorrerá a introdução do tema, será realizado o levantamento documental do histórico de inserção das mulheres no campo de trabalho nos anos 1970, por meio de artigos, documentos e livros. Com uma busca pelas circunstâncias que condicionaram uma mudança estrutural no campo de trabalho, e viabilizaram a conseqüente entrada das mulheres, e posteriormente, respectivas lideranças. A problemática de mulheres em cargos de chefia, no ambiente corporativo, é amplamente trabalhada nos livros, o que facilitará parcialmente a busca do tema em livros, uma vez que o tema em pauta é a presença de mulheres em organizações internacionais.

Ao longo da pesquisa, a ideia será explorar através de debates e encontros internacionais transcritos na internet e em noticiários, como as mulheres tornaram-se pauta das organizações internacionais e conquistaram uma entidade das Nações Unidas para a Igualdade de Gênero e o Empoderamento das Mulheres, a “ONU Mulheres”. O estudo de caso de Irina Bokova, primeira mulher a ser diretora-geral da UNESCO, também será estudado, de modo a entender em que contexto esta chegou até a orga-

nização, quais ações implementou e como tal impacta o plano de ação da UNESCO, comparando com o implementado por Koishiro Matsuura (diretor-geral anterior a ela), durante o período entre 2009 e 2017. Como Irina Bokova influencia a liderança feminina em outras organizações internacionais, fundos e entidades também será buscado e analisado. As organizações internacionais que serão consideradas e analisadas neste estudo serão UNESCO, ONU Mulheres, UNICEF e OIT (se há presença de ações de empoderamento feminino na organização). Tal estudo se dará através de pesquisa bibliográfica, na qual serão estudados artigos, documentos, discursos, redes sociais de Irina Bokova, de Koishiro Matsuura, da “UN Women” e da UNICEF, assim como os sites oficiais das organizações, que permitem o mapeamento do plano de ação dos diretores-gerais passados e da atual. Entrevistas transcritas na internet com Irina Bokova e notícias referentes a temática também serão consideradas. Em seguida, e à luz do que fora pesquisado, será feita a delimitação da proposta de estudo, de modo a analisar, criticamente, as implicações dessa posse para o órgão, para as relações internacionais e para todas as mulheres da sociedade.

Após esse debate, pretende-se introduzir as possíveis razões que explicam a reduzida presença de mulheres em cargos de liderança em organizações internacionais, concluindo com a explicação da importância do incentivo à liderança feminina em organizações internacionais para o desenvolvimento de relações sociais e internacionais mais justas, empoderamento feminino e ampliação de direito das mulheres (que ainda em muitos países sofrem a falta deles), com o intuito maior de resguardar a equidade entre homens e mulheres.

## 4 Recursos

Os recursos necessários para a realização da pesquisa apresentada neste projeto são:

1) Recursos humanos: 1 pesquisadora e 1 orientadora

2) Recursos materiais:

Tipo	Qtde
Computador	01
Impressora	01

3) Recursos financeiros:

Tipo	Qtde	Valor
Computador	01	3.000
Impressora	01	1.000
TOTAL	-	4.000

## 5 Cronograma

<b>Fase1</b>	<b>2017</b>				<b>2018</b>
<b>Atividades</b>	<b>Set</b>	<b>Out</b>	<b>Nov</b>	<b>Dez</b>	<b>Jan</b>
Pesquisa Bibliográfica	X				
Leitura da Bibliografia		X	X		
Análise da Bibliografia			X	X	X

<b>Fase 2</b>	<b>2018</b>				
<b>Atividades</b>	<b>Fev</b>	<b>Mar</b>	<b>Abr</b>	<b>Mai</b>	<b>Jun</b>
Relatório Parcial da Pesquisa	X				
Sistematização dos Dados Coletados		X	X	X	
Relatório Final da Pesquisa				X	X

<b>Fase 3</b>	<b>2018</b>				
<b>Atividades</b>	<b>Jul</b>	<b>Ago</b>	<b>Set</b>	<b>Out</b>	<b>Nov</b>
Revisão da Pesquisa	X	X			
Defesa da Pesquisa			X		



## Referências

BRUSCHINI, Cristina.; LOMBARDI, Maria Rosa.; UNBEHAUM, Sandra. *O Progresso das Mulheres no Brasil*. Brasília: CEPIA, 2006. Disponível em: <<http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/Cartilhas/ProgressodasMulheresnoBrasil.pdf>>. Acesso em: 01/04/2017. Citado na página 9.

CHIES, Paula Viviane. Identidade de gênero e identidade profissional no campo de trabalho. *Revista Estudos Feministas*, Centro de Filosofia e Ciências Humanas e Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina, v. 18, n. 2, p. 507 – 528, 08 2010. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2010000200013&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2010000200013&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 22/02/2017. Citado na página 8.

KUHNER, Maria Helena. *O Desafio Atual da Mulher*. Rio de Janeiro, 1977. Citado na página 8.

MENDES, Marina Macêdo. *Gênero e Relações Internacionais - a inserção da mulher na esfera política e na carreira diplomática braileira*. 2011. Monografia (Bacharel em Relações Internacionais) — UNB, Brasília. Disponível em: <[http://bdm.unb.br/bitstream/10483/1997/1/2011\\_MarinaMacedoMendes.pdf](http://bdm.unb.br/bitstream/10483/1997/1/2011_MarinaMacedoMendes.pdf)>. Acesso em: 01/04/2017. Citado na página 9.

ONU MULHERES. *Sobre a ONU Mulheres*. 2015. Disponível em: <<http://www.onumulheres.org.br/onu-mulheres/sobre-a-onu-mulheres/>>. Acesso em: 26/02/2017. Citado na página 10.

PEREIRA, Grazieli. *O feminismo nas relações internacionais*. 2013. Disponível em: <<http://www.mundori.com/artigosAntigos/detalhes/2620>>. Acesso em: 20/02/2017. Citado na página 11.

SAFFIOTI, Heleieth. *O Poder do Macho*. 11. ed. São Paulo: Moderna Ltda., 2001. Citado na página 8.

SARTI, Cynthia Andersen. O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória. *Revista Estudos Feministas*, Centro de Filosofia e Ciências Humanas e Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina, v. 12, n. 2, p. 35 – 50, 08 2004. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2004000200003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2004000200003&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 15/03/2017. Citado na página 4.

UNESCO. *GEMr*. 2016. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0024/002460/246045e.pdf>>. Citado na página 10.

UNITED NATIONS. *Report of The World Conference of the International Women's Year*. Doc E/CONF.66/34, Nova York, 1976. Disponível em: <<http://www.un.org/womenwatch/daw/beijing/otherconferences/Mexico/Mexicoconferencereportoptimized.pdf>>. Acesso em: 09/03/2017. Citado na página 9.

UNITED NATIONS. *Report of The Fourth World Conference on Women*. Doc A/CONF.177/20, Nova York, 1995. Disponível em: <<http://www.un.org/womenwatch/daw/beijing/pdf/BeijingfullreportE.pdf>>. Acesso em: 09/03/2017. Citado na página 9.